

MORFOLOGIA E PAPEL DAS REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL DE APENADOS¹

MORPHOLOGY AND ROLE OF SOCIAL NETWORKS IN THE SOCIAL REINTEGRATION PROCESS OF CONVICTED

Stella Maria Gomes Tomé²
Maria das Dores Saraiva de Loreto³
Tereza Angélica Bartolomeu⁴
José Ferreira Noronha⁵

1. RESUMO

O quadro de vulnerabilidade social enfrentado pelos apenados e os problemas carcerários ressaltam a importância de uma reflexão acerca das redes sociais. Nesse sentido, objetivou-se caracterizar a morfologia e o papel desempenhado pelas redes sociais no processo de reintegração social de apenados do Sistema Prisional Comum em Piumhi/MG e da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC) em Viçosa/MG. A pesquisa exploratório-descritiva envolveu 23 indivíduos, sendo utilizado o grupo focal, a pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas. Os resultados mostraram que a relação de confiança entre os atores sociais proporciona condições para o estabelecimento das redes, com predomínio da chamada “Rede de Íntimos”, que representa uma estratégia de produção, trabalho e reprodução social. Concluiu-se que as redes sociais, com menor dimensão e densidade, promovem reintegração social, fundamentada na aquisição de emprego e retorno à vida familiar e social, uma vez que incentivam relações de proximidade, sensação de pertencimento e reconhecimento.

Palavras-chave: Apenados. Redes Sociais. Reintegração Social.

¹ Artigo resultante de parte da dissertação de Mestrado intitulada: “O Processo de Reinserção Social de Apenados: uma análise comparativa de trajetórias de vida”. Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Economia Doméstica.

² Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFMG - Campus Bambuí/MG, Brasil. Rua Teófilo Garcia Pereira, 207 – Totonha Tomé – Piumhi – MG - Brasil (stella.tome@ifmg.edu.br).

³ Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa/MG. Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Economia Doméstica – Viçosa – MG - Brasil (mdora@ufv.br).

⁴ Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa/MG. Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Economia Doméstica – Viçosa – MG - Brasil (angélica@ufv.br).

⁵ Assessor da Diret. de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão do IFMG- Campus Bambuí/MG. Rua Roque Antônio da Silva, 181- Sagrado Coração de Jesus - Bambuí – MG - Brasil (jose.noronha@ifmg.edu.br).

2. ABSTRACT

The picture of social vulnerability faced by condemned and the prison problems stand out the importance of reflection on social networks. Accordingly, the objective was to characterize the morphology and the role played by social networks in the process of social reintegration of inmates of the common prison system in Piumhi/MG and the Association of Protection and Assistance to the Convicted (APAC) in Viçosa/MG. The research exploratory-descriptive involved 23 subjects, being used desk research, semi-structured interviews and focus groups. The results showed that the relationship of trust between social actors create the conditions for the establishment of networks, with predominance of the call “close network”, which represents a strategy of production, work and social reproduction. It is concluded that social networks, with lesser dimension and density, promote social reintegration, based on the acquisition of employment and return to family and social life, because they encourage close relationships, sense of belonging and recognition.

Keywords: Condemned. Social Networks. Social Reintegration.

3. INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira tem vivenciado o aumento e a disseminação da violência⁶, juntamente com o desenvolvimento de uma crise crônica em seu sistema penitenciário, que, segundo Fonseca (2006), pode ser enquadrada em dois grupos: de um lado, a má gestão da coisa pública e a inabilidade administrativa; de outro, a técnica e a falta de interesse político, conjugado com a própria natureza da pena privativa de liberdade e o ambiente carcerário. No primeiro grupo, situam-se os seguintes problemas: presídios sem o mínimo necessário de infraestrutura material e humana para o cumprimento de pena; limitadas condições para o incremento dos regimes progressivos de cumprimento de pena; superpopulação carcerária, com todas as

⁶ O mapa da violência no Brasil 2012, a partir de um levantamento feito pelo Instituto Sangari, mostra um aumento da violência, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Com o aumento da população nesse período, a taxa de homicídios, que na década de 80 era de 11,7 em cada grupo de 100 mil habitantes, passou para 26,2 em 2010 - um aumento de 124%. A pesquisa mostra, também, que os números da violência têm se estabilizado nas capitais, enquanto a criminalidade avança nas cidades menores, principalmente entre os jovens (a faixa mais crítica é entre 20 e 24 anos) do sexo masculino (91% dos homicídios registrados no Brasil em 2011) e negros (139% mais negros do que brancos), conforme relata o coordenador do estudo (WAISELFISZ, 2011).

inúmeras consequências; descumprimento da lei; falta de segurança, disciplina, pessoal administrativo e pessoal técnico formado e habilitado para a função; além da ausência de políticas públicas voltadas para a reintegração de condenados.

No segundo grupo, os problemas carcerários estão associados aos seguintes fatores: isolamento do preso em relação a sua família e a sua segregação com respeito à sociedade; convivência forçada no meio delinquente; sistema de poder, que controla todos os atos do indivíduo; e relações contraditórias e ambivalentes entre os presos e o pessoal penitenciário, pois a prisão, ao mesmo tempo em que lhes oferece apoio e assistência, neutraliza a formação e o desenvolvimento de valores humanos básicos, contribuindo para a estigmatização, despersonalização e prisionalização.

Assim, no cerne dos problemas do segundo grupo, inerente à própria natureza do ambiente carcerário, está o fenômeno de prisionalização⁷, que conduz ao aperfeiçoamento do crime, pelos seus efeitos na personalidade do preso, como: perda da identidade e aquisição de nova identidade, sentimento de inferioridade, empobrecimento psíquico, infantilização e regressão. O empobrecimento psíquico conduz ao estreitamento do horizonte psicológico, à pobreza de experiências e a dificuldades de planejamento no médio e longo prazo. A infantilização e a regressão manifestam-se, entre outras coisas, através de dependência, busca de proteção e de soluções fáceis, projeção da culpa no outro e dificuldade de elaboração de planos (FONSECA, 2006).

Foucault (2009) discute sobre essa questão, afirmando que, quando o apenado fica à mercê do controle das normas de punição, este perde sua identidade e pode modificar sua personalidade cultural em função de ser manuseado pela institucionalização, desenvolvendo sentimentos de inferioridade, empobrecimento psíquico e regressões; enfim, características desenvolvidas através da vida carcerária. Essa cultura carcerária pode tornar o preso mais hostil e agressivo contra qualquer forma de autoridade e ordem, criando um modo de vida paralelo, com regras, costumes e até uma ética própria de condições de sobrevivência na prisão.

Tal situação soma-se, ainda, à presença do preconceito, que, segundo Bandeira e Batista (2002), implica sempre em uma relação social, pois diz respeito a um modo de

⁷ Segundo Barreto (2006), a submissão do preso às experiências carcerárias repercute na assimilação da cultura prisional por meio de um processo descrito como "prisionalização" ou institucionalização, quando as tradições, valores, atitudes e costumes impostos pela população carcerária são apreendidos pelos internos, como uma forma natural de adaptação ou até mesmo de sobrevivência ao rígido sistema prisional.

se relacionar com os demais, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro. O preconceito introduz-se na vida cotidiana através de imagens, representações e situações, geralmente por meio de manifestações sutis e disfarçadas, por ser moralmente condenado e, a partir do momento em que acontece, instala-se o estigma e a discriminação, sendo esta última categoria o resultado das duas primeiras.

De acordo com Goffman (2008), a categoria “preconceito” geralmente tem atribuição negativa, de descrédito na sociedade, expressando o fato de que o egresso, ao sair da prisão, carrega o estigma de ex-presidiário, de pessoa desacreditada, o que dificulta sua inserção na vida profissional e familiar, culminando, dessa forma, em aumento da violência e elevadas taxas de reincidência. Assim, o preconceito discrimina e dá margem à violência, caracterizando uma forma arbitrária de pensar e de agir, no sentido de ser utilizado como uma forma racionalizada de controle social que serve para manter distâncias e diferenças sociais.

O estigma do ex-detento e o total desamparo por parte das autoridades fazem com que o egresso do sistema carcerário torne-se marginalizado no meio social, ocasionando sua volta ao mundo do crime e à prisão. Percebe-se que os programas visam, basicamente, à manutenção da ordem interna e ao controle da massa carcerária, não favorecendo meios de reabilitação do condenado, isto é, de preparação para o retorno e convivência ao meio social. A pena da prisão e o cárcere, ao invés de recuperar, degrada a pessoa do preso, conduzindo ao aperfeiçoamento do crime. Pesquisa realizada por Rego e Giacomassi (2012) aponta que a própria natureza punitiva da pena privativa de liberdade e o poder desumanizante das prisões têm contribuído para que a reincidência alcance, em média, 90% dos ex-detentos.

A conscientização dessa problemática implica no reconhecimento da sociedade sobre sua responsabilidade no processo de reintegração do preso, o que envolve uma reflexão sobre o fenômeno do crime, o mundo da prisão e do homem encarcerado, de forma a evitar sua segregação e o retorno ao cárcere. Pressupõe-se que, para tanto, uma rede de atores interdependentes deve ser ativada, dentro de um complexo de atividades sustentadas por conhecimentos, sentimentos, atitudes e modos de ação.

Em face desse cenário, questiona-se: Quais têm sido as redes sociais⁸ acionadas pelos detentos do sistema prisional comum e por aqueles em regime de reclusão com programas de ressocialização? E qual o papel desempenhado por essas redes sociais no processo de reintegração social de apenados?

Castells (2007), ao discutir sobre as redes sociais, aponta que os laços sociais colocados em posições estratégicas facilitam as oportunidades, auxiliando de maneira considerável nas possibilidades de acesso aos recursos disponíveis. A identificação dos nós (elementos das redes) e laços (as relações entre os nós) das redes, tais como dimensão da rede (número de elementos que a constitui); densidade (relação entre os laços ativados e os membros da rede); orientação (as relações que conectam os envolvidos, como famílias, parentescos, amigos, colegas); sobreposição (quantos papéis os membros desempenham no total da rede), auxilia na caracterização de suas morfologias.

Loreto et al. (2009), ao analisarem o papel das redes sociais das famílias de apenados, visando compreender como os componentes individuais, as características das relações e os contextos de inserção se interagem, concluíram que a ativação das redes sociais mobiliza recursos, cria oportunidades e promove a solidariedade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das unidades familiares. Ou seja, em uma situação de vulnerabilidade social, há um estado de dependência da ativação das redes sociais, com destaque para aquelas conhecidas como Rede de Íntimos⁹, principalmente familiares, na provisão dos recursos e atendimento às necessidades básicas.

Assim, apesar de, em alguns casos, as relações sociofamiliares de apenados encontrarem-se vulnerabilizadas em função da situação prisional, a família é vista como o primeiro espaço de sociabilidade dos indivíduos. É no seio familiar que eles se inserem e se constroem como pessoa, desenvolvendo parte de suas identidades,

⁸ De acordo com Castells (2007), rede social consiste no conjunto de relações sociais entre um grupo de indivíduos com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos.

⁹ Segundo Portugal (2012), em função do dimensionamento da morfologia das redes sociais, isto é, dos nós e laços das redes, estas podem assumir três tipos: a) Redes de Íntimos, considerados pelos entrevistados como importantes para si mesmos; b) Redes de Interação, que relacionam os membros com os quais as famílias se interagem em um determinado período de tempo; c) Redes de Troca, que incluem pessoas da rede que compensariam ou penalizariam as trocas, que vão desde a ajuda material e prestação de serviços até aconselhamento e companhia.

costumes, tradições. Na família, os seres humanos assumem seus papéis primários de como conviver em sociedade, constituindo redes de convivência.

Klein (2012) mostra em sua pesquisa sobre “Os modos de vida dos familiares dos reeducandos do Presídio Estadual de Cruz Alta” que as famílias, para enfrentar o afastamento do familiar preso, passam a articular diversas atividades por meio da ativação das redes sociais capazes de manter os laços de parentesco e vizinhança estreitos, a fim de "ajudarem-se" mutuamente na mobilização de recursos e na construção de novas possibilidades de sustentação da vida.

Diante desses resultados, pressupõe-se que a participação das redes sociais dos apenados e suas famílias é elemento indispensável ao processo de reintegração e de resgate da identidade, ao ter condições de proporcionar novas oportunidades de vida digna por meio da educação, capacitação e aprendizagem efetiva, aquisição de emprego digno, resgate de valores, segurança e confiança para os apenados, refletindo na elevação da autoestima do indivíduo estigmatizado.

Diante da abordagem inicial, este trabalho objetivou mapear e examinar a morfologia das redes sociais, analisando o papel desempenhado por estas no processo de reintegração social de apenados e egressos de sistemas de correção penal.

4. REVISÃO DE LITERATURA

Atualmente, ouve-se falar de redes em praticamente todas as áreas e campos do conhecimento. As razões da popularidade atual do conceito de rede encontram-se fundamentadas em duas questões: em primeiro lugar, o desenvolvimento extraordinário das comunicações, que possibilita a existência de conexões onde antes havia isolamento; em segundo lugar, a valorização das relações entre as pessoas, relativamente às relações entre pessoas e coisas. “Esses dados explicam a importância que, em particular, as redes sociais assumiram, quer ao nível do conhecimento, quer ao nível da prática.” (LEMIEUX, 2000, citado por PORTUGAL, 2012).

A palavra “rede”, do latim (*retis*), significa entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido. Porém, essa palavra vem ganhando outros sentidos ao longo da história.

Castells (2007) diz o seguinte sobre as redes:

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura... A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de denominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social (CASTELLS, 2007, pág. 497).

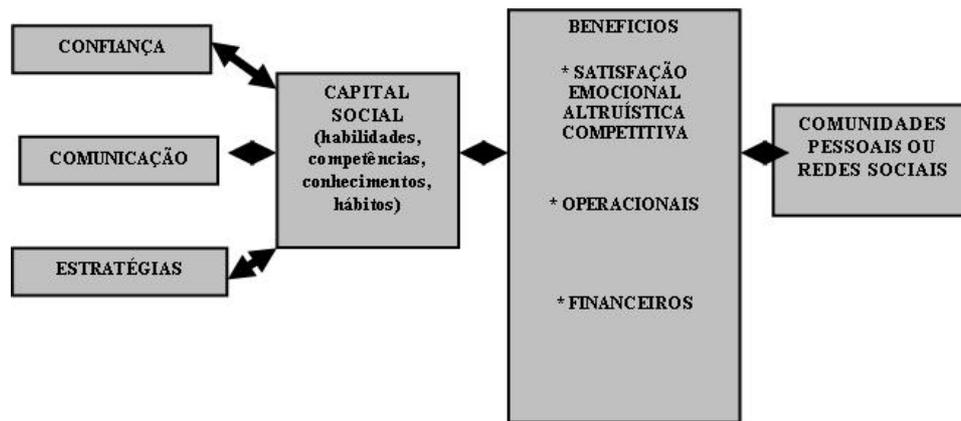
Wassermann e Faust, apud Sílvia Portugal (2012), identificaram quatro princípios fundamentais na teoria das redes sociais, que são: a) os sujeitos e suas ações são vistos como interdependentes; b) os laços relacionais entre atores são canais onde circulam fluxos de recursos materiais e humanos; c) os modelos de redes, centrados nos indivíduos, concebem a estrutura das relações como meio que pode configurar oportunidades ou constranger as ações individuais; d) os modelos de redes conceituam a estrutura de relações entre os atores sociais.

Outro tipo de rede muito utilizado atualmente é a rede virtual. Schelp (2010) e Canuto (2010) destacaram a utilização da rede mundial de computadores (Internet) para visitas virtuais de amigos e familiares aos detentos. Segundo a matéria, a intenção não é a substituição da visita física, mas sim tentar diminuir os custos destas visitas, ou seja, criar uma alternativa econômica, pois esse tipo de rede virtual permite que o apenado se comunique com até três pessoas por vez, devidamente monitorado pelo funcionário responsável. Segundo o referido autor, o projeto-piloto que incentiva a comunicação através de videoconferência teve a participação de quinhentos presos de quatro penitenciárias federais do Brasil.

Em suas pesquisas, Castells (2007) dá importância à estrutura das redes e às estratégias adotadas na mobilização de recursos e oportunidades que seus membros ativam de acordo com suas necessidades, pois as escolhas de cada sujeito estão condicionadas aos contextos sociais em que estão inseridos: trabalho, família, residência, escola e padrão de comportamento. Essas variáveis desenham uma tipologia de rede adequada para cada história, que permite abrir ou fechar possibilidades aos sujeitos envolvidos.

Da mesma forma, Bourdieu (1998) discute sobre o papel das redes na provisão de recursos, quando as relaciona com o capital social (FIGURA 1). Na visão deste autor, a fim de alcançar fontes de benefícios emocionais, operacionais ou financeiros, as

redes sociais são construídas através da comunicação e de estratégias de investimento nas relações sociais. Além disso, Bourdieu resalta que o capital social é de grande importância para o sucesso nessas conexões, já que este é visto como um bem social em virtude das conexões dos atores envolvidos e das redes da qual fazem parte, e que se refere diretamente às conexões entre os indivíduos.



FONTE: Bourdieu (1998), com adaptações.
FIGURA 1: Modelo de Rede Social

Conforme Bourdieu, no modelo de rede social, o sentimento de confiança mútua entre os indivíduos que compõem as redes é, sem dúvida, o elemento-chave para a consolidação das comunidades pessoais ou das redes sociais, reconhecendo, uns nos outros, suas habilidades, competências, conhecimentos e hábitos.

Acosta e Vitale (2007) reforçam, ainda, a ideia de que ações voluntárias são formas de ativar e estreitar as redes sociais, evitando o isolamento dos sujeitos, principalmente aqueles que trazem algum estigma, oferecendo a possibilidade de desempenhar um importante papel no sentido de romper com o isolamento do indivíduo e melhorar suas condições de vida. Assim, as propostas de trabalho para melhoria da qualidade de vida das pessoas mais necessitadas devem fundamentar-se em práticas que

gerem solidariedade e facilitem o enfrentamento das vulnerabilidades econômicas e sociais dessas vidas.

Nesse sentido, com o objetivo de correção e não reincidência, destaca-se a participação da família e suas redes sociais, revendo os papéis de cada um, seja familiar ou social, bem como as relações entre os membros da família e o ambiente contextual, visando a uma maior motivação em busca da autonomia e qualidade de vida do indivíduo e seus familiares, estimulando a busca pelo exercício de cidadania e a inclusão de exercícios plenos nesses processos, através de projetos sociais, parcerias, oportunidades de trabalho e reinserção.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, de natureza exploratório-descritiva, foi realizada nos municípios de Viçosa e Piumhi, ambos no estado de Minas Gerais, investigando apenados e egressos dos dois sistemas prisionais dessas cidades: APAC¹⁰ e Unidade Prisional.

A cidade de Viçosa/MG pertence à microrregião da Zona da Mata. De acordo com o censo demográfico (IBGE, 2012), os aspectos econômicos mais relevantes no município, no que tange ao setor produtivo, apresentam-se da seguinte forma: agropecuário (3,4%), industrial (28,2%) e serviços (68,4%); demonstrando, assim, forte desenvolvimento do terceiro setor.

Por outro lado, a cidade de Piumhi/MG, localizada na mesorregião oeste do estado, com uma população de 31.192 habitantes, está situada a 256 km da capital, Belo Horizonte. Além das atividades ligadas à pecuária, ao comércio e serviços, a economia de Piumhi destaca-se na produção agrícola e de produtos como café, milho, feijão e leite.

A pesquisa em questão apresenta abordagem qualitativa, na qual foram utilizados para a coleta de informações: análise documental, entrevistas

¹⁰ Em Viçosa, o método APAC iniciou seu processo de implantação em meados de 2003, incentivado por um grupo de pessoas que buscavam romper com o sistema penal vigente, visando preparar o condenado, o qual passou a ser chamado de recuperando, para ser devolvido em condições de conviver de maneira harmoniosa e pacífica com a sociedade; considerando, como afirma Ottoboni (2001), que “todo homem é maior do que seu erro”.

semiestruturadas e grupo focal¹¹, de forma que fosse possível averiguar dados pertinentes aos egressos dos dois sistemas de correção, totalizando 23 pessoas; sendo 12 apenados e 6 egressos do método APAC, além de 5 egressos da Unidade Prisional. A seleção dos egressos foi feita da seguinte forma: os egressos da APAC de Viçosa foram selecionados através de dossiês de todos os egressos que passaram pelo método, sendo descartados aqueles nomes cujos endereços e telefones não existiam mais. Desta seleção inicial, 12 egressos foram procurados, porém somente 6 residiam na cidade de Viçosa.

Quanto à Unidade Prisional de Piumhi, foram procurados 10 egressos do sistema, onde 2 não residiam na cidade de Piumhi e 3 se negaram a participar da pesquisa, resultando 5 egressos pesquisados. No que se refere aos apenados do regime aberto, foram pesquisados somente os 12 da APAC de Viçosa, uma vez que a direção da Unidade Prisional de Piumhi não permitiu tal prática.

Para que a atividade com apenados do regime aberto ocorresse, foi realizada uma dinâmica, tendo por base o modelo de Mapa de Rede Social de Sluzki, (1996, apud BRANCO, 2006). O mapa da rede social tem sido muito utilizado em várias pesquisas, sendo uma ferramenta útil para o entendimento das redes sociais. Ele é formado por três círculos divididos em quatro quadrantes: família, amigos, instituições e trabalho. O núcleo do círculo representa o indivíduo; o primeiro e menor deles indica a proximidade e a importância que o apenado dá aos sistemas ali dispostos; o segundo círculo se constitui por pessoas que têm menor proximidade e importância para ele; e, finalmente, no terceiro, colocam-se as pessoas que convivem com o apenado de forma mais distante.

Para o desenvolvimento da dinâmica, foram utilizadas figuras representando indivíduos e instituições. As gravuras tinham formato característico, o que facilitou o reconhecimento visual da homogeneidade e heterogeneidade da rede, além de cinco figuras brancas com as quais o apenado poderia indicar mais pessoas, coisas ou instituições que fossem participantes em sua rede. Para dimensão estrutural, as categorias foram tamanho, densidade, composição, distribuição e homogeneidade.

¹¹ Segundo Costa (1999), o grupo focal é, na verdade, uma entrevista coletiva que busca identificar tendências e, ao mesmo tempo, refletir sobre o essencial, o sentido dos aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular; os princípios e motivações que regem os julgamentos, percepções e ações das pessoas acerca do tema a ser estudado.

Os apenados foram convidados a mapear sua rede social, objetivando a avaliação desta. Eles tiveram à sua disposição as figuras e o mapa proposto por Sluzki (1996), e foram questionados nas seguintes categorias: 1) *quem são as pessoas e/ou instituições mais importantes na vida do apenado*; 2) *o que os apenados pensam sobre as pessoas da sua rede*; 3) *se existe o desejo de mudança na rede*; 4) *sobre a semelhança entre as pessoas da rede e o apenado*; 5) *sobre utilização do computador para estabelecer alguma comunicação com as redes*.

Respondidas essas perguntas, outras foram feitas com o intuito de enriquecer as informações do mapeamento e torná-lo fidedigno em relação à reintegração social e à participação das redes envolvidas, como: *sobre os apenados estarem empregados; como esses empregos foram conseguidos; através de quem ou que instituição; considerando as experiências vivenciadas, que sugestões o apenado daria para que o processo de reintegração social fosse mais efetivo*.

As informações coletadas foram analisadas através dos métodos de análise de conteúdo, visando conhecer a realidade desses investigados e suas famílias, além das condições de vida após o cumprimento da pena, por meio de seus relatos de vida. A análise concentrou-se na comparação entre as diferenças e semelhanças relatadas nas experiências vividas por esses indivíduos.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram discutidos considerando-se tanto a morfologia quanto o papel desempenhado pelas redes sociais no processo de reintegração social.

6.1. Os Egressos e Suas Redes Sociais

Para a identificação da morfologia das redes sociais, foi indagado aos egressos dos dois sistemas de correção sobre quem fazia parte de suas redes de relacionamento, sendo que tanto egressos da Unidade Prisional de Piumhi quanto da APAC de Viçosa, em sua grande maioria, citaram suas famílias (Gráfico 1). Os entrevistados salientaram a importância do apoio de alguém mais próximo, não necessariamente um cônjuge. Geralmente, a mãe é o laço mais forte da rede.

Assim, nessa sociedade em redes, fica claro que as famílias, com seus diferentes arranjos, são vistas como uma das principais redes de apoio e solidariedade, visto que se constituem como primeiro local de socialização do sujeito. Tal fato vem de encontro ao que escrevem Acosta e Vitale (2007), quando tratam do tema “rede social e familiar”, afirmando:

Por mais precarizadas, vitimadas, vulnerabilizadas que se encontrem as famílias em situação de exclusão, há certamente iniciativas de resistência, há desejos de reconstituição ou de manutenção de vínculos e envolvimento afetivos; há, enfim, esperança de garantir na família o espaço de proteção (ACOSTA e VITALE 2007, pág. 134).



Gráfico 1 – Composição das redes de relacionamentos dos egressos entrevistados da Unidade Prisional de Piumhi e APAC de Viçosa/Minas Gerais, 2010

Fonte: Pesquisa de Campo, 2010.

Dessa forma, o assunto “redes de relacionamento” foi a categoria que mostrou maior número de respostas semelhantes entre os egressos dos dois sistemas, uma vez que estes acreditam que a verdadeira rede de relacionamentos se encontra na família: pai, mãe, irmãos e cônjuge.

Com respeito às demais redes de convivência, quando os entrevistados foram perguntados se consideravam os agentes penitenciários da Unidade Prisional ou os funcionários da APAC como parte de suas redes, as respostas foram discrepantes. Os

egressos da Unidade Prisional reforçam que não havia nenhum tipo de contato que não o profissional entre eles e os agentes. Então, não caracterizam as redes institucionais como parte de suas redes, atribuindo a participação do agente somente como uma relação de respeito e nada mais:

Minha família é tudo. Quanto aos agentes, a gente tinha uma relação de respeito e só. Não tinha amizade com nenhum deles (EGRESSO 2 - UP).

Os policiais é que tomavam conta da gente. Eles não davam mole, não. Era muito difícil, tinha um carcereiro que era doido, doido mesmo, ele até matou um preso lá dentro. Não tenho amizade com ninguém que trabalhava lá, eu só respeito (EGRESSO 3 - UP).

Esse posicionamento dos egressos do sistema presidiário está coerente com a pesquisa de Fonseca (2006) sobre o sistema penitenciário, na qual se constatou que, na administração carcerária, são priorizadas a segurança, a disciplina, a dominação e o controle, sem se preocupar com a sociabilidade do preso e seu desenvolvimento pessoal, enfim, com a transformação dos indivíduos.

Em contrapartida, os egressos da APAC de Viçosa veem os funcionários de outra forma, atribuindo uma significativa participação dos mesmos em suas redes de relacionamento:

Eles me passaram e ensinaram sobre confiança e ofereceram oportunidades para que eu mudasse de vida, para muito melhor. Os funcionários da APAC foram e são muito importantes em minha vida. Fazem parte, sim, da minha rede de relacionamento (EGRESSO 1 - APAC).

As pessoas com quem tive contato na APAC, tô falando dos funcionários, foram muito importantes na minha vida naquela época; hoje não vejo eles mais. Mas tiveram sua participação. Eu quero, na verdade, ser voluntário lá, num projeto que envolva educação através da leitura (EGRESSO 6 - APAC).

Os depoimentos dos egressos evidenciaram que o método APAC tem se voltado para a recuperação do indivíduo apenado, visando a sua adaptação à sociedade. O espaço relacional da APAC vai de encontro ao que mostra o modelo de rede social de Bourdieu (1998), onde o sentimento de confiança mútua é o alicerce entre os indivíduos que compõem as redes, reconhecendo, uns nos outros, suas habilidades, competências, conhecimentos e hábitos. As relações mais próximas do corpo funcional com os

apenados fazem com que estes se sintam não apenas como criminosos, mas como sujeitos portadores de uma história singular, com desejos, aspirações e potencialidades. Juntos, estes elementos trazem ao egresso a sensação de acolhida, de restabelecimento de posições sociais, trazendo benefícios de ordem individual e coletiva através da satisfação pessoal e financeira alcançada por ele e por sua família.

Com referência às mudanças ocorridas em suas redes de relacionamentos, os egressos fizeram questão de reforçar que as redes de amizades que possuíam antes da detenção não são as mesmas após o cumprimento da pena. Eles atribuem às más companhias a situação de privados de liberdade, como mostram os depoimentos a seguir:

Os amigos que levavam para o mau caminho não fazem mais parte da minha rede. Hoje escolho melhor as companhias que tenho (EGRESSO 4 -APAC).

Antes eu tinha uns amigos que hoje não tenho mais, porque tem umas amizades que só leva a gente para o buraco. Então isso não tem mais, eu quero pessoas boas do meu lado e só (EGRESSO 3 -UP).

Nesse sentido, o ponto que mais se destacou foi a atribuição da má influência dos relacionamentos inerentes às amizades. Outro aspecto relatado pelos entrevistados refere-se à melhoria do relacionamento familiar, devido, principalmente, à confiança que se estabelece entre a maioria deles, uma vez que, se o indivíduo sente-se bem consigo mesmo, ele terá maiores chances de sentir-se bem com os outros.

Através das narrativas dos egressos, concluiu-se que utilizar das redes sociais e familiares é um método de reinserção, isto é, uma estratégia para voltar à família e ao mercado de trabalho, sendo este visto como principal instrumento para o alcance da ressocialização dos presos, na medida em que haja uma sintonia entre o significado da tarefa e a história singular do preso e seu crescimento individual (LEMOS, et al.,1999).

6.2 – Os Apenados e suas Redes Sociais

Para o conhecimento da morfologia das redes sociais na vida dos indivíduos privados de liberdade, trabalhou-se apenas com o grupo focal, composto de 12 apenados

do regime aberto da APAC, já que não houve permissão para execução desse grupo na Unidade Prisional de Piumhi/MG.

Um dos resultados dos 12 mapas, baseados no modelo de Mapa de Rede Social de Sluzki, pode ser evidenciado na FIGURA 2, que mostra o mapa das redes do apenado 10, onde este, estando ao centro da rede, apontava quem ou quais elementos faziam parte de sua rede de relacionamento e quão importantes eram para sua vida. Quanto mais próximo ao centro do mapa fossem coladas as imagens, mais forte seria o laço que as unia ao apenado ou maior o grau de importância para ele, em sua concepção.

Assim, observando-se a FIGURA 2, foi possível constatar que, no quadrante “Família”, os filhos são vistos como o nó mais forte e mais importante da rede e, com um grau de proximidade menor, o apenado considerou a participação de demais familiares no processo de sua ressocialização.

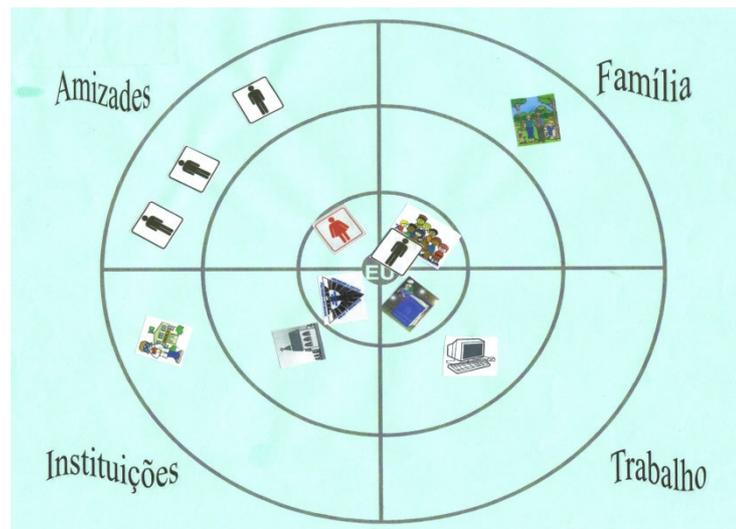


Figura 2 - Modelo de Mapa da Rede Social do apenado 10

Fonte: Sluzki (1996), com adaptações.

Ao analisar o quadrante “Trabalho”, é perceptível que o grau de importância deste é considerável, uma vez que a colagem da gravura “carteira de trabalho” pode ser vista bem próxima ao apenado, no centro do mapa. É interessante ressaltar o destaque dado à tecnologia, através da gravura “computador”, na qual o apenado expressa a importância do uso da ferramenta computacional no seu dia a dia.

No quadrante “Instituições”, ao dispor as gravuras “APAC”, “Igreja” e “Escola”, o apenado tenta mostrar que, no momento que vivencia, ele percebe a atuação do método APAC e da Igreja como fundamentais em sua vida; enquanto que, em um plano um tanto mais distante, mostra a importância da educação que, nesse mapa, figura como um nó mais fraco da sua rede.

Por fim, no quadrante “Amizades”, a figura feminina, próxima ao centro, expressa uma irmã bem íntima e atuante. Os amigos são considerados com certa distância, em virtude da dedicação exclusiva ao trabalho, uma vez que o apenado encontra-se em regime aberto, não tendo oportunidades de estabelecer vínculos fortes de amizade.

Com relação às imagens vazias, estas não foram utilizadas pelos apenados, pois, segundo eles, não eram necessárias, como mostra o relato.

Nó Stella, essas figurinhas brancas nem precisava delas... não tem mais o que acrescentar não. A gente não vai nem usar todas essas que tem aqui, quanto mais aumentar com essas brancas, quem dera né gente? (APENADO 7, solteiro, 43 anos - APAC).

Dessa forma, os resultados do mapeamento mostram que os componentes mais próximos da rede dos apenados são os membros da família (pais, irmãos, esposa e filhos), além da APAC e instituições religiosas. Além disso, o número de pessoas que compõem a rede é restrito, embora os apenados desejassem que fosse um número maior para que pudessem contar com mais amigos. Entretanto, alegaram que o tempo que passam em sociedade é destinado somente ao trabalho e, por esse motivo, a dimensão e a densidade das redes sociais são mais limitadas.

Quando perguntados se as pessoas da rede assemelhavam-se a eles, 55,0% não souberam responder e 45,0% afirmaram que não são semelhantes, muito pelo contrário, que eram totalmente diferentes. Quando questionados sobre a utilização de alguma tecnologia para estabelecer comunicação com a rede familiar ou social, 45,4% dos apenados utilizavam o computador e a internet, tanto no trabalho quanto em casa. Dessa forma, através da rede virtual, comunicavam-se com familiares e amigos, além do uso para fins profissionais.

Essa comunicação via rede mundial de computadores vem de encontro ao que Castells (2007) escreve sobre a difusão das formas de comunicação entre redes sociais, onde, através da tecnologia, esses indivíduos estabelecem novas tipologias de redes:

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura (CASTELLS, 2007, pág. 497).

Diante de tantos fatores, fez-se necessário reforçar que o preconceito foi citado por todos os entrevistados como a maior limitação de suas vidas. Além disso, ficou expresso em seus depoimentos que suas redes de relacionamentos são diminuídas após a volta ao convívio social, em função do preconceito e de uma seleção que é feita por causa do confinamento que, muitas vezes, segundo suas falas, parte deles próprios.

6.3. O Papel das Redes

Foi perceptível que essas redes se modificaram ao longo do tempo. Alguns laços, como os familiares, permaneceram em sua maioria, pois a família garante uma permanência no tempo, mesmo que os laços não estejam sempre ativos. Por outro lado, laços, como os das amizades, podem se desfazer com o passar do tempo, assim como novos laços vão sendo construídos através das interações. Portanto, fez-se interessante investigar o papel das redes, ou seja, que importância tem os nós e laços destas na vida de cada egresso e quão próximas essas pessoas estão.

Exemplificando, os nós correspondentes à família possuem laços cujos conteúdos expressam confiança, amparo, proteção e recomeço, como fica evidenciado nas falas dos egressos; enquanto que os nós referentes aos outros envolvidos têm sua participação, mas com menor grau de importância. Como afirma Portugal (2012): “deste modo, os parentes constituem um subsistema fortemente interligado no interior das redes sociais”.

Na percepção dos apenados, como mostra a FIGURA 3, os laços fortes correspondem à rede familiar e, especificamente nesta pesquisa, os indivíduos privados de liberdade se voltaram ao convívio familiar e à busca constante da reintegração social através do emprego. No entanto, os laços fracos encontram-se interligados à perspectiva da empregabilidade, seja através da APAC, da Igreja ou de outras instituições. Tais laços são também de grande importância na criação de projetos individuais indutores do processo de reintegração social.



Figura 3 - Modelo de Mapa da Rede Social do Apenado 11

Fonte: Sluzki (1996), com adaptações.

De acordo com a FIGURA 3, ao observar os quadrantes ilustrados por esse sujeito, é possível perceber quão próximos estão seus nós e que, no terceiro e mais distante círculo, não há nenhuma gravura disposta. Através desse mapa, o apenado mostra a importância da rede familiar e social para seu processo de reintegração social. No quadrante “Família”, ele expressa, primeiramente, a presença dos pais como o nó mais forte e, em seguida, a moradia própria. No quadrante “Trabalho”, aparece como nó mais forte o emprego de carteira assinada e, ainda, o reforço do uso da ferramenta computacional, justificando as solicitações dos apenados sobre o oferecimento de oficinas destinadas a cursos de computação, visando auxiliar na sua empregabilidade. No quadrante “Instituições”, aparecem, em primeiro plano, a educação e, depois, como realizadora desse processo, a APAC. Por fim, e não menos importante, o apenado demonstra no quadrante “Amizades” as gravuras “Igreja” e “demais familiares”, expressando seu vínculo de amizade através da religião e outros membros da família.

Assim, através do mapeamento das redes dos pesquisados, fica revelado como o capital social e o capital escolar estão imbricados em função do emprego, visando facilitar a aquisição deste. Mais uma vez, fica expressa a importância das redes familiares nesse processo de transição. Além disso, pôde-se constatar que, para os indivíduos estudados, a metodologia APAC continua a ter um peso bastante forte na luta para o acesso ao emprego.

Considerando-se a percepção dos ex-detentos quanto ao papel das redes de relacionamentos no processo de reinserção social, os egressos das APAC de Viçosa

afirmaram que, através de suas redes de relacionamentos, familiares ou sociais, tais como vizinhos, colegas e conhecidos, têm conseguido um lugar no mercado de trabalho, uma maior aceitação por parte da sociedade:

Me ajudam sim. Pois oferecem apoio na hora da dificuldade. Por exemplo, quando eu fui prestar o concurso da prefeitura, eles é que me deram apoio. Me incentivaram, estão comigo pro que der e vier. E isso fez com que eu não sentisse o peso do preconceito (EGRESSO 4, solteiro, 49 anos - APAC).

Sim. Me dando apoio quando preciso e através das redes eu conheço outras pessoas, outras realidades, outras histórias (EGRESSO 1, solteiro, 23 anos - APAC).

Por outro lado, os egressos da Unidade Prisional de Piumhi atribuíram somente à família a ajuda no processo de reinserção em sociedade:

Minha família, com certeza, porque confia e acredita em mim, no meu comportamento; eu que hoje sou uma pessoa de bem (EGRESSA 2, solteira, 30 anos - UP).

Sim. Claro que sim. Por exemplo, através do trabalho que vou conseguir, se Deus quiser, do apoio que minha família me dá, da ajuda pra um novo recomeço (EGRESSA 5, solteira, 26 anos - UP).

Apesar da importância da rede familiar, houve um caso de preferência pelo isolamento ou permanência dentro da própria instituição prisional, no qual o egresso afirmou não querer ser reinserido em sociedade nenhuma, desejando permanecer na fazenda onde trabalha e onde se sente mais seguro.

Não quero ser inserido em sociedade nenhuma, quero ficar aqui na roça trabalhando quieto no meu canto. Aqui tem pouca gente, é muito melhor (EGRESSO 4, viúvo, 65 anos - UP).

O relato mostra que esse egresso tem receio sobre a aceitação da sociedade, preferindo a segurança de sua rede atual, da qual fazem parte os outros funcionários da fazenda, os seus colegas de trabalho, o administrador da fazenda, a cozinheira e as demais pessoas que lá vivem. Esse tipo de situação é denominado por Jacoby (1999) de “estigma sentido” (felt stigma), que faz com que as pessoas limitem o seu cotidiano, buscando o isolamento, com medo da discriminação.

Diante dos discursos dos entrevistados, é possível notar que os egressos da APAC de Viçosa enxergam a realidade que os cerca através de outra lente, na qual

fazem uso das redes sociais e familiares para reconstruir suas vidas e buscar sua reinserção. Já no caso dos egressos da Unidade Prisional, estes demonstram que se sentem, de certa forma, abandonados, acreditando que somente contam com o apoio das famílias, o que contribui para a encapsulação das redes sociais, em virtude do fenômeno conhecido como homofilia, definido como uma tendência a escolher como amigos os semelhantes a si mesmo, mantendo-se uma certa homogeneidade, que aumenta os níveis de solidariedade e de coesão por meio de laços fortes (MARQUES, 2009).

O fato é que, como argumentam Dessen e Junior (2005), quanto mais conexa for a relação entre os membros da rede, maior será a interação entre eles, propiciando a fortificação dos laços da rede e, conseqüentemente, uma maior contribuição ao processo de ressocialização e reinserção social.

7. CONCLUSÕES

Diante dos resultados apresentados, foi possível concluir que egressos e apenados da APAC de Viçosa e egressos da Unidade Prisional de Piumhi utilizaram suas redes sociais e familiares como estratégia para reinserção social, seja através da própria família ou até mesmo interligando esta com outros mecanismos, de forma direta ou indireta. O fato é que, mesmo de forma inconsciente, os egressos entrevistados veem na família e através dela o alcance da (re)aceitação em sociedade.

Com relação aos apenados da APAC de Viçosa, a intensidade dos laços das redes é mais forte quando se refere às familiares. Nesse caso, os laços com a família provêm um suporte “invisível” aos egressos, fornecendo desde confiança até meios de reintegração social através do trabalho. Porém, não pode ser desprezada a importância da rede social desses sujeitos, por meio da escola, da religião (igreja), através de amigos e vizinhos, visando ao alcance de emprego digno e reintegração social.

Concluiu-se que, apesar da diferenciação do perfil familiar de cada apenado e egresso, onde cada um possui uma história singular, com composição familiar específica, a rede familiar assume importância fundamental, tanto no espaço familiar e comunitário quanto no institucional e de acesso ao trabalho.

As maiores contribuições das redes sociais estiveram centradas na volta à vida livre e à convivência familiar. Assim, de uma forma diferente de antes da reclusão,

imbuídos de algum tipo de aprendizado e com vontade de viver a vida, experienciaram a volta ao meio social, através da obtenção de trabalho e renda própria, além de um novo espaço relacional.

O método de ressocialização, como é o caso da APAC, permite que os detentos enxerguem os funcionários da Instituição como parte da sua rede, uma vez que estes participam, de forma ativa e amigável, da preparação espiritual e profissional do egresso. Por outro lado, na Unidade Prisional, há uma distância pessoal entre agente e apenado, devido ao próprio método de correção, pautado no binômio segurança/disciplina, que não prioriza a transformação dos indivíduos, fazendo com que as redes sociais sejam mais encapsuladas, com menor dimensão e densidade. O conhecimento acerca da morfologia das redes dos apenados permitiu concluir que cada domínio da vida está ligado a uma rede cujos laços são ativados de modo a melhor atender às necessidades de cada indivíduo. Por exemplo, em relação ao emprego, a ligação da rede é quase que exclusivamente com a família, seja utilizando os laços fortes dessa rede, a qual diz respeito aos pais, mães, cônjuges e filhos, como também ativando outros laços, como amizades e vizinhança.

Além disso, através da ferramenta computacional “Internet”, uma nova rede de comunicação tem se despontado para os apenados, possibilitando a comunicação com redes de trabalho, de familiares e de amigos, através da comunicação virtual. O uso de computadores em práticas de reabilitação ainda é pouco explorado, pelo fato de facilitar outros tipos de negociação através da Internet. Entretanto, a fim de desenvolver potencialidades e diminuir as limitações dessas pessoas, tanto apenados quanto egressos fazem uso do computador em seu cotidiano, de forma que outras possibilidades possam ser exploradas e novas perspectivas acionadas.

Nesse contexto, o computador emerge como ferramenta de alto potencial profissional, motivacional e facilitador para comunicação entre apenados, egressos e suas redes sociais e familiares, uma vez que promove um ambiente caracterizado por tarefas que incentivam a descoberta em um espaço próprio para aprendizagem, capaz de promover oportunidades de desenvolvimento e a busca de informações, além de permitir a esses usuários construir conhecimentos a partir de seu trabalho com o ambiente computacional e com outras pessoas.

Com tudo isso, pôde-se concluir que as redes sociais, principalmente a rede familiar dos indivíduos pesquisados, foram imprescindíveis no processo de reintegração social, fundamentada na aquisição de emprego e retorno à vida familiar e social.

8. REFERÊNCIAS

BANDEIRA; L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Estudos Feministas**, Ano 10, p. 119- 141, 2002

BARRETO, M. L. S. Depois das grades: um reflexo da cultura prisional em indivíduos libertos. **Psicologia: ciência e profissão**. v.26, n.4, p. 582-593, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2ª edição. Rio de Janeiro. RJ. Editora Bertrand Brasil, 1998.

BRANCO, B. M. **A Medida de Atividade Externa dos Adolescentes Infratores Internos da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo e as Características da Rede Social e do Funcionamento Familiar**. 2006. 131 f. [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2006.

CANUTO, L. **Detentos vão poder falar com amigos e parentes pela WEB, 16/05/2010**. Disponível em: <<http://www.exame.com.br>> Acessado em: 22/01/2012.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, vol. 1)**. 10ª edição. São Paulo, SP. Editora Paz e Terra, 2007.

COSTA, J. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

DESSEN, M. A; JUNIOR, Á. L. C.. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre. RS. Editora Artmed, 2005.

FONSECA, K. P. da. (Re)pensando o Crime Como Uma Relação de Antagonismo Entre Seus Autores e a Sociedade. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**. v..26, n.4 , pp. 532-547, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 36ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora LTC, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem da População**. Disponível

em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acessado em: 25/01/2012.

JACOBY A. Felt versus enacted stigma: a concept revisited. Evidence from a study of people with epilepsy in remission. **Soc Sci Med.** V. 38, n.2, p.269-74, 1999.

KLEIN, F. B. **Pensando os modos de vida dos familiares dos reeducandos do Presídio Estadual de Cruz Alta.** Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos900/poder-familia-pres0/poder-familia-pres0>>. Acessado em: 10/01/2012.

LEMOS, A.M.; MAZZILLI, C.; KLERING, L.R. Análise do Trabalho Prisional: um Estudo Exploratório. **RAC**, v.2, n.3, p. 129-149, 1998

LORETO, M. D. S. de; RUELA, D; GOMES, A L; VILLELA, J; BERGER, J; LOPES, I. P. E.; LOPES, C. I. O papel das redes sociais na provisão das necessidades das famílias em situação de vulnerabilidade social **In: XX Congresso Brasileiro de Economia Doméstica.** Fortaleza: ABED/UFC, 2009.

MARQUES, E. C. L. As redes importam para o acesso a bens e serviços obtidos fora de mercados? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol.24, n.71, Out. 2009.

OTTOBONI, Mário. **Vamos matar o criminoso? Método APAC.** São Paulo: Paulinas, 2001.

PORTUGAL, S. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica** Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>> Acessado em: 19/01/2012.

REGO, M. H. S.; GIACOMASSI, I. **Estudo Comparativo dos Tratamentos realizados nas Instituições Carcerárias no Estado de São Paulo.** Disponível em: <www.brazcubas.br> Acessado em: 18/01/2012.

SCHELP, Diogo. **O Brasil Atrás das Grades.** Revista Veja, Brasília, n.º 2192, p. 104, nov. 2010.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2012 - Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil.** SP: Sangari, 2011.

*Recebido em 28 de Março de 2011 Aceito em 14 de Dezembro de 2011.